

## A AULA DE CAMPO COMO IMERSÃO DA REALIDADE LOCAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AMBIENTAIS

ODA, Indiamara Hummler<sup>1</sup>; KULLACK, Alan Carter<sup>2</sup>; MORAES, Juliano Ferreira De<sup>3</sup>; MORAZ, Margot Marilene<sup>4</sup>; LAUTERT, Luiz Fernando de Carli<sup>5</sup>; KASHIWAGI Helena Midori<sup>6</sup>

Projeto Estruturante: **Instituições e ambiente**

### RESUMO:

O presente trabalho retrata uma pesquisa de campo a qual buscou trazer para a luz do conhecimento um estudo sobre a cultura dos povos caiçaras no tocante ao modo de viver, pensar, sentir, agir e ser. Substanciado por uma abordagem dialógica entre etnografia e a pesquisa-ação, os estudos aqui desenvolvidos trouxeram à tona aspectos que corroboram uma educação ambiental, que não está alienada e nem formatada nas limitações físicas e intelectuais centradas no sistema metodológico tradicional de uma sala de aula. A vivência com a cultura caiçara possibilitou uma amplitude nos conhecimentos que giram em torno dos aspectos histórico-culturais, enfatizando as interações sociais e ambientais que fundamentam a compreensão do bem-viver em relação à integração do homem à natureza. Com isso, este trabalho avivou formas e práticas de abordagens multidisciplinares e interdisciplinares, que auxiliam em um procedimento mais profícuo no tocante ao processo de ensino-aprendizagem. Fica notório que os resultados obtidos na pesquisa se inclinam para uma construção de saberes, que se ramificam em conceitos e sentimentos que estão muito além dos fundamentos teóricos registrados nos livros didáticos. Portanto, este estudo é de suma importância para pesquisadores, professores, alunos ou pessoas que buscam, através de uma interação, compreender e aprofundar os seus estudos na complexidade de representações que substanciam a tradição da cultura caiçara e toda a sua singularidade.

**Palavras Chave:** cultura, caiçara, Educação Ambiental.

<sup>1</sup>Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina –UEL e Pós-graduada em Lato Sensu em Sociologia pela UEL, Mestranda em Ciências Ambientais –Proficiamb -UFPR; E-mail: odaa80@msn.com;

<sup>2</sup>Licenciado em Matemática pela Universidade federal do Paraná- UFPR e Pós-graduado em Lato Sensu em Educação Ambiental e Ecologia pelo ISS, Mestrando em Ciências Ambientais –Proficiamb-UFPR; E-mail: alan.carter70@yahoo.com.br;

<sup>3</sup>Licenciado em Ciência Biológica pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras- UNESPAR e Pós graduado em Lato Sensu em Educação Didática e Docência no Ensino Superior –UNIGUAÇU, Mestrando em Ciências Ambientais –Proficiamb-UFPR; E-mail: julianobiologia@hotmail.com;

<sup>4</sup>Licenciada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras – FAFI e Pós-graduada em Lato Sensu em História e Múltiplas Abordagens – FAFI, Mestranda em Ciências Ambientais – Proficiamb –UFPR; E-mail: ma.mmoraz@gmail.com;

<sup>5</sup>Doutor em Geografia pelo Departamento de Geografia da Universidade Estadual de São Paulo-USP, Professor Titular do Programa de Pós Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais- Polo-UFPR, E-mail: luizlauter2@gmail.com;

<sup>6</sup>Doutora em Geografia (área Território, Cultura e Representações) pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR, Professora Titular do Programa de Pós Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais- Polo-UFPR, E-mail: helenamkashiwagi@gmail.com;

### **ABSTRACT:**

The present work shows a field research which sought to bring to the light of knowledge a study about the culture of caiçara people in the way they live, think, feel, act and be. Substantiated by a dialogical approach between ethnography and research, the studies developed here have brought to light aspects that corroborate with an environmental education that is not alienated or formatted in the physical and intellectual limitations centered on the traditional methodological system of a classroom. The experience with the caiçara culture made possible an amplitude in the knowledge that revolves around the historical-cultural aspects, emphasizing the social and environmental interactions that underlie the understanding of the well-living in relation to the integration of man and nature. Thus, this work has enlivened forms and practices of multidisciplinary and interdisciplinary approaches, which help in a more fruitful procedure regarding the teaching-learning process. It is noteworthy that the results obtained in the research are inclined towards a construction of knowledge that is ramified in concepts and feelings that are well beyond the theoretical foundations recorded in textbooks. Therefore, this study is of paramount importance for researchers, teachers, students or individuals who seek, through an interaction, to understand and deepen their studies in the complexity of representations that substantiate the tradition of caiçara culture and all its singularity.

**Keywords:** Culture, Caiçara, Environmental Education.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho traz em sua essência, um estudo sobre as comunidades caiçaras, resultado de uma aula de campo, em uma produção de conhecimento. A integração com o modo de ser desses povos, consolidou-se como um fio condutor para o entendimento de realidades construídas, que revelam características específicas da vivência à experiência. Nesse sentido, os escritos têm como objetivo avivar a cultura de um povo de tradição, em um contexto que as experiências representam significados de existência específica. Devido a isso, os aprendizados consistem na compreensão de que a pesquisa-ação educacional é das principais estratégias para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Alicerçados por princípios de que existem várias maneiras de narrar uma determinada história, sobre uma sociedade, um lugar, seus costumes e a sua cultura, ficamos atrelados aos traços comuns que representam um determinado grupo social para descrever e entender a sua cultura. Porém, quando essa é condizente a um determinado povo, o qual possui uma singularidade extremamente especial, devemos mergulhar nas

profundezas de sua essência e buscar a integração e o entendimento do seu modo de viver, pensar, agir e sentir.

Seguindo essa linha de pensamento, os estudos que emergiram do contexto de uma pesquisa de campo, afluíram as especificidades pertencentes ao povo Caiçara, o qual possui as suas raízes de origem da histórica e encantadora costa do litoral da região sul e sudeste do Brasil. As referências supracitadas substanciam a cultura das comunidades pesqueiras de Tibicanga- PR; de Ariri- SP; Barra do Ararapira – PR, Vila do Ararapira – PR, e Vila de Superagui – PR.

A interação com essas comunidades, levou-nos a percepção de que ser caiçara não é uma denominação de espécie ou um título adquirido por apropriação, mas um conjunto de procedimentos e sentimentos que estão muito além da sua própria descendência genealógica ou até etimológica. Ser caiçara é sentir a natureza pulsar através dos seus batimentos cardíacos, é entender que a cor de sua pele é retratada no bálsamo dos manguezais e é se despir de todo e qualquer pensamento colonizador. Nesse sentido Acosta argumenta que os bens materiais não são os únicos determinantes da compreensão do *Bem-Viver*. Há outros valores em jogo: o conhecimento, o reconhecimento social e cultural, os códigos de condutas éticas e inclusive espirituais na relação com a sociedade e a Natureza, os valores humanos, a visão do futuro, entre outros (Acosta,2016).

## A CULTURA CAIÇARA NAS RELAÇÕES DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SOCIAIS

O conhecimento voltado à relação com a natureza a que se refere Acosta no tocante ao Bem Viver, já nos foi proporcionado no trajeto do trabalho de campo, quando nos deparamos com paisagens exuberantes que guardam o segredo da fauna e flora do litoral paranaense. O mangue, é um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho. Na figura 1, é demonstrado um mangue que fica nos arredores do canal do varadouro no estado do Paraná.

Figura 1



Fonte: ( Os autores)

Seguindo mar à dentro, rumo aos segredos das ilhas, o canal do varadouro, que se localiza entre os estados do Paraná e de São Paulo, foi inaugurado no ano de 1952, com o objetivo de ligar a Cananéia (SP) e a Baía de Pinheiros (PR). O olhar às paisagens estabelecia uma conexão dialógica entre sujeitos – humano e natureza. O diálogo nesse processo é um integrante fundamental, e sua existência só se torna possível devido ao reconhecimento do pesquisador enquanto sujeito humano, à linguagem própria da natureza, enquanto sujeito pesquisado. Essa conexão possibilita que o conhecimento se desenvolva através da percepção sensível do pesquisador, em considerar à linguagem própria da natureza enquanto um sujeito em movimento. (Bach Jr,2015). O sentido desse “olhar”, faz com que o pesquisador perceba que o trabalho de campo não é uma simples descoberta de realidades em que representações culturais divergem ou convergem entre si, mas que está diante de significados de existência e de pertencimento, que se refletem numa interação entre sujeito, natureza e mundo.

Dessa forma, com o propósito de observar e interpretar as representações, através de uma percepção que se distanciava do olhar de estranheza, substanciamos o nosso trabalho com um olhar etnográfico, referenciando-o como instrumento fundamental na elaboração do conhecimento. (Oliveira, 2006). A interação com a comunidade caiçara iniciou na Ilha de Tibicanga, um lugar onde moram somente pescadores.

Como o próprio caiçara se denomina um Nativo, pois este termo está intrínseco ao ser natural oriundo da mãe Natureza, é notório que a sua cultura, a sua religião e o seu estilo de vida estejam baseados nas suas percepções sobre o meio natural que vive.

Na figura 2, podemos observar os barcos utilizados pelo povo caiçara, para a sua pesca artesanal, sendo esta, a principal atividade econômica exercida por eles.

Figura 2



Fonte: ( Os autores)

Assim, a magia das casas revela uma simplicidade aconchegante; os barcos atrelados, somados as redes esticadas nas areias, atribui-se a importância da pesca artesanal. Nesse contexto, a vegetação da Mata Atlântica, oferta-nos ar com a pureza que distância “esse mundo” do mundo globalizado.

Seguimos com o trajeto, a próxima parada foi em Ariri em Cananéia (SP), onde almoçamos uma deliciosa refeição preparada com muito capricho. Uma comunidade tradicional, habitada por pessoas felizes e tranquilas, que preservam suas raízes e tradições. Um lugar mágico, muita paz envolvendo o ambiente com toda sua biodiversidade. No que tange as tradições, no dia 19 de junho, festejam em homenagem ao padroeiro São Luiz Gonzaga, onde fazem procissão com a imagem do Santo, seguido com a cerimônia da missa. Mas as práticas religiosas feitas pela população, concentram-se inicialmente no contexto doméstico e afloram em dias santos, nos rituais festivos, que estabelecem a aproximação da comunidade.

No prosseguimento do trabalho de campo, conhecemos a Vila de Ararapira - “A cidade fantasma”. Na figura 3, podemos observar a igreja construída no século XVIII na própria Vila de Ararapira.

Figura 3



Fonte: ( Os autores)

Para o povo caiçara, as comemorações religiosas são consideradas sagradas, devido a isto, todo ano no dia 19 de março comemora-se a festa em homenagem à São José, a qual atrai várias comunidades vizinhas, assim como familiares de antigos moradores. São José do Ararapira foi umas das 21 vilas, fundadas pela coroa portuguesa, na então capitania de São Paulo, no século XVIII, considerada um lugar estratégico para as embarcações que passavam entre São Paulo e Paraná, tornando-se um polo entre Cananéia, Antonina, Paranaguá e Curitiba, e, por solo favorável, tornou-se um entreposto agrícola, segundo polo mais desenvolvido do estado de São Paulo. A vila cresceu e prosperou até metade do século XIX, chegou a ter mais de quinhentas famílias, contava com mais de três mil moradores. Acredita-se ainda que as famílias foram saindo, porque a forma de subsistência não se adequava as novas leis ambientais, onde proibiam a prática de agricultura e a caça em reservas ambientais protegidas. A Vila de Ararapira atualmente conta com algumas casas, ainda em bom estado de conservação. Não se sabe ao certo o que levou o êxodo desta vila, mas teve início há mais de meio século, atribuindo a ela a fama de “cidade fantasma”.

E na sequência, seguimos para Superagui, uma ilha artificial criada na década de 40, consequência da abertura do canal do varadouro, que separou essa porção da terra do Continente. A ilha faz parte do complexo Estuário de Lagamar, entre Iguape e Paranaguá, sendo uma região muito importante, porque abriga uma enorme biodiversidade, tais como: mangues, restingas, elevações isoladas, canais de rios, praias desertas. Além disso, as diversas trilhas ecológicas e a exuberante vegetação da Mata Atlântica, que abriga algumas espécies raras da fauna, como o papagaio-chauá, o mico-leão-de-cara-preta e o jacaré-de-papo-amarelo, segundo informações do (IBAMA,

2009); estes estão ameaçados de extinção. Essa dimensão da natureza é considerada Sítio do Patrimônio Natural (UNESCO,1999), Reserva da Biosfera (UNESCO, 1991) e Patrimônio Natural e Histórico do Paraná (CEPHA, 1970). Na figura 4, podemos observar a praia deserta de Superagui, sendo que esta, é resguardada de qualquer edificação ou despejo de processos químicos e poluentes.

Figura 4



Fonte: (Os autores)

As imagens da natureza enquanto elemento vivo em movimento, demonstram que Superagui possui características que fazem desse lugar uma singularidade, com uma cultura diferente, tradicional: **A cultura caiçara**. O povo caiçara é regido por normas e leis naturais, as quais são provenientes do respeito incondicional que possuem com a mãe natureza. Sejam pelas atividades da pesca, de seus artesanatos ou da própria caça, esses nativos com suas lendas, os seus mitos, as suas crenças e a sua própria religião possuem um cunho de tradições e celebrações culturais que vão do místico ao real do religioso ou profano.

Assim, “olhar para o pescador artesanal (ou para o caiçara) como povo ausente de história, ultrapassado é negar sua relação secular com o ambiente em que vive, negar todo conhecimento acumulado de sua reprodução social e dos ecossistemas em que vive” (Cunha, p.70, 2004). São, dessa forma, experiências que marcam a construção de conhecimento e que emergem situações existenciais que revelam uma trilha de indagações na busca incessante de saberes diversos, contidos em uma educação ambiental.

Esse contexto leva-nos à direção de um aprendizado democrático, que se desvincula de uma forma de educar autoritária e conservadora. Os argumentos de Vasconcellos esclarecem que o grande problema da metodologia expositiva, do ponto

de vista pedagógico, é seu alto risco de não aprendizagem, justamente em função do baixo nível de interação sujeito-objeto de conhecimento. Este baixo nível de interação entre educador-educando-objeto de conhecimento, ocorre tanto na interação objetiva (contato com objeto, manipulação, experimentação, forma de organização da coletividade de sala de aula, etc.), quanto na interação subjetiva (reflexão do sujeito, problematização, estabelecimento de relações mentais, análise, síntese. Decorre, dessa forma, em relação à construção do conhecimento, um distanciamento do aluno no que tange a participação do mesmo.

Já na metodologia dialética em sala de aula, o conhecimento não é "transferido" ou "depositado" pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é "inventado" pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. O aluno deixa de ser um mero receptor de conhecimentos, pois passa a fazer parte como integrante ativo através de elaborações, reflexões que o conduzem a construir o seu conhecimento, despertando, dessa maneira, o interesse pelo mesmo. (Vasconcellos, 1992)

Em outros termos, uma aprendizagem aberta a curiosidades; a descobertas; a experiências de vida; onde o educador envolvido com esses conhecimentos, possa também envolver os educandos. Essa forma de perceber caminhos diversos para a construção de saberes, “ensina”, também, a aceitar e respeitar, sem discriminação, tudo que possa apresentar-se como “diferente”. A sala de aula passa a ser assim, um lugar de interação entre educador, educando, natureza, pessoas, mundo (Freire, 2002).

## **CONCLUSÕES**

O propósito desse trabalho foi reluzir um contexto que refletiu sobre a interação entre o modo de vida caiçara e a natureza, demonstrando que o relevante diálogo que se estabelece nessa interação, proporciona a prática do Bem Viver. Nesse sentido, a importância desse estudo, contribuiu para uma imersão cultural, a qual possibilitou um resgate histórico e inovador, de um conhecimento que agrega valores e tradições de um povo com uma particularidade ímpar. Os aspectos, assim, abordados abriram caminhos à prática de novas formas e procedimentos a serem adotados no processo de ensino-aprendizagem no ensino de Ciências Ambientais, enfatizando mudanças intermediadas

por uma metodologia dialética, a qual repercute uma Educação Ambiental mais viva e prática. Dessa forma, os contextos refletiram a conscientização crítica ao método tradicional, ao revelar que o baixo nível de interação entre educando e educador, obscurece a relevância do “olhar” mais compreensivo e real sobre a essência natural do Bem-Viver. Nos passos dessa construção, o contato com a natureza foi fundamental enquanto delineador da identidade cultural, conduzindo-nos à compreensão do estilo de vida adotado por esses povos. Como resultado, o encontro de saberes numa teia de conhecimentos, enquanto suporte, para um conjunto de possibilidades educacionais, sinalizando um caminho de transformações e interpretações do agente pesquisador para o agente pesquisado em um contexto harmônico entre o tradicional, o social e o ambiental.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Ed. Elefante, 2016.

BACH JR, Jonas. **A fenomenologia de Goethe e a Educação em Steiner**. Campinas: FE.UNICAMP, Tese Pós Doutoral, 2015

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. 2ª. Ed. São Paulo: Ed UNESP, 2006.

CUNHA, L.H. **A Identidade Caiçara: entre o local e o global**. São Paulo: NUPAUBUSP, 2007.

\_\_\_\_\_. Saberes Patrimoniais Pesqueiros. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente: Diálogo entre Saberes e percepção ambiental. Curitiba-Pr: Editora da UFPR, no. 7, 2003. (publicado também em Enciclopédia Caiçara (volume1), São Paulo: Hucitec e NUPAUBUSP, 2004).

DIEGUES, Antonio Carlos.(org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: Hucitec : NUPAUB/CEC, 2004. 5v FREITAS

\_\_\_\_\_. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ática, São Paulo, 1983.

FREIRE, Paulo Pedagogia da Autonomia: **Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SETTI, K. **Ubatuba nos cantos das praias.** *Estudo do caiçara paulista e de sua produção musical.* Ática, São Paulo, 1985.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol.31, n.3, pp.443-466. ISSN 1517-9702.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula.** In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/superagui-ilha-marcada-pela-tragedia-9zp738reha0v9hr1s5a6b1ufi>. (Acessado em 23/07/2018)

<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/209-parque-nacional-do-superagui>. (Acessado em 20/07/2018)

<https://agcomunique.wordpress.com/2013/08/26/superagui-um-paraiso-bem-perto-de-curitiba/> (Acessado em 21/07/2018)

<http://notasdesaomiguel.blogspot.com/2011/02/uma-cidade-historica-completamente.html> (Acessado em 21/07/2018)

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1654933-vila-fantasma-apos-perder-todos-os-moradores-aldeia-vira-ponto-turistico.shtml> (Acessado em 22/07/2018)

<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=39> (Acessado em 22/07/2018)